

# O ESTATUTO DA MATERIALIDADE LINGUÍSTICA NAS RELAÇÕES TEÓRICAS ENTRE LÍNGUA E DISCURSO

Valmir Nunes Costa\*  
UESPI/Florianópolis

## RESUMO

O presente artigo trata da relação entre língua e discurso, objetos tomados pelos teóricos frequentemente como fazendo parte de ramos diferentes dentro das ciências da linguagem. Fato é que não há língua sem discurso, e o mesmo se pode dizer em relação ao discurso, ou seja, que este não pode existir sem a língua. Voltar a esta questão é trazer de volta concepções tanto de língua quanto de discurso que não têm mais lugar no inextricável novelo do simbólico, que, embora separando, por uma medida didática e metodológica, seu objeto “linguagem” em vários outros fragmentos (língua, discurso, sentido, fala etc.), na realidade só se realiza em seu emaranhado. Disso, *mutatis mutandis*, dão conta teóricos “de peso”, como Bakhtin (2006) e Pêcheux (1990), só para citar alguns. De Possenti (2009), tomamos para análise o texto intitulado *Sobre língua e discurso*. Este autor aborda nele teóricos de singular importância para a discussão em foco, como Foucault, Maingueneau e Courtine. Estes três últimos foram tomados por Possenti para análise no tocante às suas concepções de língua relacionadas às de discurso. O presente artigo também traz à tona a questão da ordem do discurso, inicialmente tratada por Foucault, “obrigando” Possenti, e também nós aqui, a evocar uma ordem da língua como contrapartida.

**PALAVRAS-CHAVE:** linguagem; ordem do discurso; materialidade linguística

## ABSTRACT

This paper deals with the relationship between language and discourse, objects taken by theorists often as part of different branches within the sciences of language. Fact is that there is no language without discourse, and the same is

---

\* Prof. Doutor em Linguística (Análise do Discurso) e mestre também em Linguística (gêneros discursivos) pela UFAL, *campus* de Maceió. Professor adjunto na UESPI. Atualmente coordena o grupo de pesquisa NPAD (Núcleo de Pesquisa em Análise do Discurso), desenvolvendo pesquisa sobre discursos midiáticos e análise de textos literários da perspectiva da AD e da Psicanálise.

true with respect to discourse, namely that it can not exist without language. Return to this issue is to bring back both conceptions of language as speech that have no place in inextricable skein of symbolic, that although separated by a didactic and methodological measure their "language" object in several other fragments (language, discourse, sense, speech etc.) in reality only is in his tangle. That, *mutatis mutandis*, give theoretical account "weight" as Bakhtin (2006) and Pêcheux (1990), to name a few. Of Possenti (2009), we take to analyze the text entitled *On language and speech*. This author discusses on it theoretical of singular importance to the discussion in focus, as Foucault, Maingueneau and Courtine. These last three were taken by Possenti for analysis in terms of their language concepts related to discourse. This paper also brings up the issue of speech order, initially treated by Foucault, "forcing" Possenti, and also us here, to evoke a language of the order in return.

**KEYWORDS:** language; order of discourse; linguistic materiality

## **ORDEM DO DISCURSO E ORDEM DA LÍNGUA NA PERSPETIVA DA LINGUAGEM**

Com o presente artigo, visamos a estabelecer relações entre as categorias de língua e de discurso, tomando como base afirmações presentes no texto *Sobre língua e discurso*, de Sírio Possenti (2009). Para o autor, está havendo atualmente uma desvalorização, um esvaziamento e um desprezo pelo material propriamente linguístico em estudos discursivos e pragmáticos. Em *Análise do Discurso - AD*, nós diríamos que este fato se dá em relação à materialidade linguística, o que *mutatis mutandis* é apenas uma questão de nomenclatura. O texto é uma crítica aos extremistas, tanto àqueles que desprezam a língua quanto àqueles que abordam a questão discursiva numa perspectiva subjetivista.

Possenti pretende mostrar que os analistas do discurso são fundamentalmente linguistas, apesar de alguns não admiti-lo. Trata da importância da linguística e da negligência da AD para com a ciência da língua. Para isso, faz em seu texto um percurso por Foucault, Maingueneau, Courtine

e Pêcheux para mostrar que esses autores são, antes de tudo, e independentemente de suas perspectivas de estudo, linguistas. Bakhtin, apesar de ter sido citado apenas de passagem, está entre os que desprezam a linguística, fazendo mesmo severas críticas e comparando seus estudos com a dissecação de um cadáver (BAKHTIN, 2006).

Começando com Foucault, selecionamos, do material citado deste autor por Possenti, as sequências discursivas:

1. [...] uma língua constitui sempre um sistema de enunciados possíveis – um conjunto finito de regras que autoriza um número infinito de desempenhos. [...]

e

2. [...] a descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar? [...]

Para Possenti, falar de discurso é falar de língua. No caso, Foucault traz até mesmo uma definição do que seja uma língua (sequência 1), totalmente de acordo com o que afirma Chomsky em sua linguística gerativo-transformacional, numa prova terminante de que, mesmo para se falar de discurso, está-se recorrendo sempre à língua. Foucault imaginou o discurso como um adiantamento dos efeitos de sentido da língua; ou melhor, do seu uso. Por isso diz que um conjunto de enunciados, e de discursos vem logo antes das estruturas linguísticas. Estamos examinando o que Possenti afirma sobre língua e discurso, e, essencialmente, o fato, comprovado em sua análise, de que autores que abordam o discurso são essencialmente linguistas, querendo dizer, com isso, que não há como abordar discursos sem passar pela língua, que é o seu lugar material.

Esse fato de os enunciados virem antes da materialidade linguística em Foucault pode-se ilustrar com o trecho que afirma:

A análise permanece aquém desse nível manifesto, que é o da construção acabada; ela não dá conta de todas as

conexões, de sua estrutura delicada (...); ... não põe em questão nem o estilo, nem o encadeamento das frases; em suma, deixa em pontilhado a disposição final do texto (FOUCAULT, 1969, pp. 83-84).

O que Foucault aborda aí é a análise nesse sentido de abordagem da língua, que deixa a desejar; é como se essa abordagem passasse por sobre a língua negligenciando sua importância para a economia do discurso. O discurso para Foucault seria um pensamento revestido de seus signos e tornado possível pelas palavras, ou, inversamente, seria estruturas mesmas da língua postas em jogo produzindo efeitos de sentido. É como se os conceitos de língua e de discurso se confundissem; como se um acabasse equivalendo-se ao outro. Analisar discursos seria analisar enunciados, enquanto que analisar enunciados seria analisar discursos. Considerar a questão discursiva da ótica do sujeito fundante seria procurar compreender os acontecimentos como sendo de responsabilidade desse sujeito, encarregado de animar diretamente, com suas intenções, as formas vazias da língua como está citado aí (POSSENTI, op. cit.). Essa é uma versão que poderia estar associada a certas pragmáticas, que são disciplinas em que o sujeito é a fonte do seu dizer; o sujeito tem controle dos sentidos de seu discurso. Esta é uma noção que não se coaduna com a AD.

Para Foucault, o discurso é “uma violência que fazemos às coisas” (Op. cit., p. 53), uma concepção de discurso no mínimo curiosa. Quando produzimos discursos, tal violência está associada à deturpação, à distorção da realidade que procuramos codificar, ou pôr em palavras. É uma espécie de maquiagem da realidade. Quando se produzem discursos, na realidade esses discursos jamais vão ser fiéis à realidade. O sujeito é responsável, de certo modo, pela sua interpretação do mundo. E vamos ter tantas interpretações do mundo quantos forem os sujeitos. De um lado, ele é responsável, de outro, é responsável a história que funciona em seu discurso, como fonte. Possenti

afirma que Foucault lembra – não cita<sup>1</sup> - a noção de processo discursivo proposta por Pêcheux (1969), que concebe o discurso como uma espécie de encontro entre um conjunto de condições de produção de uma língua. Essa formulação tem tudo a ver com a formulação de Pêcheux segundo a qual existem condições de produção responsáveis pelo sentido da língua, aliás, pelos sentidos dos discursos. Em síntese, o que representa para Foucault essa relação entre língua e discurso está codificado em seus conceitos de língua e de discurso. Língua para ele seria forma e os discursos funcionamentos. Os discursos teriam condições de se descolar da língua porque seriam anteriores a ela, como também teriam condições de pô-la em funcionamento, uma vez que, para haver língua, seria necessário haver discursos. Destacamos essa noção de forma – a língua seria forma – porque Foucault fala como Chomsky que diz que a língua é um conjunto finito de regras que autorizam um número infinito de desempenhos.

Bakhtin fala do lugar da filosofia e também da filologia, mas, mais que um filólogo, Bakhtin foi além, para dar à abordagem da língua um caráter mais filosófico, uma preocupação mais filosófica. Bakhtin (2006) acha que passar pela língua é relativamente desnecessário; que o importante é a interação, é a interlocução, a enunciação, o diálogo (POSSENTI, op. cit., p. 64). Possenti, abordando o conceito de língua em Bakhtin, fala que “no longo percurso entre o tratamento da língua típico dos dissecadores de cadáver e a caracterização dos leitores como responsivos e ativos, e os voos generosos por largos períodos históricos, cabem numerosas formas de consideração do material linguístico”.

A língua já servira de tudo, já foi tomada em diversas acepções; uma delas é essa que Bakhtin denomina de dissecação de cadáver, que é o estudo da estrutura de uma língua sem preocupação alguma com os sentidos ou com os discursos, mas um estudo meramente estrutural, que vai desde a sua

---

<sup>1</sup> Grifo nosso

fonologia até a sintaxe dos textos, isso ao bel prazer do período histórico. A gente está vivendo, segundo Possenti, com um período diferente, em que a questão discursiva está mais em foco, onde o estudo da língua está mais centrado no leitor e nos seus modos de recepção dos discursos. A materialidade nesta fase é só uma espécie de suporte para o estudo dos discursos. Então, para Bakhtin, não é positivo o estudo da língua deslocada de seu falante, dos sentidos e da história, porque ela seria, nesse sentido, uma língua morta, um cadáver passível de dissecação, mas ela adquire importância na medida em que seus falantes são abordados, porque neles observam-se comportamentos típicos de sujeitos que interagem entre si, sujeitos responsivos e ativos, o que quer dizer que à medida que esse sujeito se torna interlocutor, ele não recebe passivamente os discursos que ouve, mas ele os interpreta e também responde, segundo os efeitos que esses discursos causam nele, uma vez sujeito “receptor”.

No texto teórico em análise aqui, “muito menos Bakhtin pode ser o álibi para os que acham chato ler páginas de gramática”. E continua, “o pior é que, recusando-se a passar pela linguística, muitos recusam também os trajetos filosóficos e as estantes de literatura...” (POSSENTI, 2009, p. 63). Essa já é uma colocação de Possenti em relação a Bakhtin. É como se Bakhtin não concebesse passar pela materialidade linguística; como se ele não a valorizasse, quando tudo está ancorado nela, tanto os discursos quanto a interação e o diálogo, tão importantes e tão caros para Bakhtin.

Dando continuação à sua abordagem, Possenti avança: “preciso explicitar claramente a admiração que tenho por leitores e estudiosos de Bakhtin que separam claramente o joio do trigo, e que sabem, portanto, que uma coisa é ele não ter sido um linguista, e bem outra é ter sido leviano”. Ou seja, para ele, nem tudo em Bakhtin se convém receber passivamente. Bakhtin estaria perdoado por não se ter dedicado à linguística, mas daí até ser “leviano”..., criticar um objeto de estudo tão importante que mesmo ele

precisa utilizar para dar corpo à sua teoria... isso, segundo Possenti, é ser leviano. Pelo visto ninguém escapa às críticas deste autor. É uma espécie de iconoclasta.

Sobre Maingueneau, Possenti diz que este é um tanto seguidor de Foucault e “é verdade que em suas análises nem sempre explicita seu protocolo de leitura” (p. 65), o que é uma acusação séria que põe em dúvida a autenticidade dos textos de Maingueneau. Se por um lado Maingueneau não parece destacar uma linguística em suas análises da semântica discursiva, por outro, a materialização é absolutamente relevante. É algo que, mesmo não dito claramente, fica claro a partir do que ele faz em suas análises e em seus estudos.

Para ilustrar as análises em Maingueneau, Possenti traz o pequeno trecho de texto, propaganda do uísque Jack Daniel's (p.67):

Richard McGee levanta-se muito antes do amanhecer. No frescor e no silêncio das manhãs do Tennessee, ele roda os pesados barris de Jack Daniel's através dos armazéns de envelhecimento. Lentamente; no seu ritmo. Na destilaria Jack Daniel's, nunca fazemos nada com pressa.

O texto para Maingueneau seria uma espécie de imagem do produto no discurso, só possível através de uma construção linguística bem elaborada. Essa imagem só é possível, embora evoque um *background* do sujeito leitor interlocutor, através de uma materialidade constituída linguisticamente. Com esse texto sobre Maingueneau, ele procura provar a mesma coisa. É mais um cujas teorias deixam claro que não prescinde da materialidade linguística, mas pelo contrário, valoriza-as sem que mencione isso.

Courtine (1981) deixa clara a relação entre AD e a linguística através de duas teses, que Possenti (op. cit., p. 67-68) cita:

- a) o analista do discurso deve ao mesmo tempo ser linguista e deixar de sê-lo;

b) seguindo e explicitando uma tese de Dubois, diz:  
O princípio [segundo o qual “a análise do discurso implica pôr em funcionamento um método que determine as relações inerentes ao texto”] permanece, entretanto, imutável: se se levanta a hipótese de uma estrutura do discurso, localizável na coocorrência e na recorrência de certos de certos elementos, essa estrutura deve ser gramaticalmente caracterizada. O discurso, como objeto, entretém uma relação determinada com a língua, e a possibilidade mesma de uma análise do discurso se baseia nessa relação (p. 10).

O que ocorre aí é que o analista do discurso tanto teria como objeto de trabalho os discursos quanto um trabalho com a língua, e, mais importante, a relação entre língua e discurso é a possibilidade mesma de uma análise do discurso. Só há essa possibilidade de análise do discurso nessa relação entre língua e discurso.

Para Pêcheux, “fundador”<sup>2</sup> da AD, diz Possenti (op. cit., p. 68), “essa disciplina se distingue de outras teorias do texto e da leitura exatamente pela forma como considera o linguístico”. Resta-nos saber como foi que Pêcheux considerou o linguístico, e, assim como o autor anterior, Maingueneau, o linguístico não considerado de uma só forma, até porque a AD teve várias épocas, a primeira das quais foi a da AAD-69 (Análise Automática do Discurso, de 1969), como se houvesse a possibilidade de uma análise automática de um discurso. Nessa primeira época, uma das noções dentro dos estudos da língua era a de que ela teria uma ordem própria. Nesse sentido, poder-se-ia falar de uma ordem da língua e de uma ordem do discurso, que são coisas diferentes. A ordem da língua certamente é estrutural, material, e ela serviria apenas de suporte para os discursos. Para que haja discurso, é necessário que haja sujeitos falantes. A língua, tanto quanto os sujeitos, também concorre para a construção dos discursos. Então, não se tem uma autonomia para dizer que os discursos funcionam apenas com uma língua

---

<sup>2</sup> Possenti marca esta palavra, talvez questionando que Pêcheux seja, realmente, fundador da AD.

específica. Se o falante fala português, o discurso vai se utilizar dessa língua. Se o falante fala inglês, vai ser do inglês que o discurso vai se utilizar para sua materialidade.

Por outro lado, essa língua não é compreendida na AD meramente como um código que o sujeito use ao bel prazer; ela tem uma ordem própria que precisa ser respeitada. “Ela é o lugar em que o discurso tanto se mostra quanto se dissimula, exigindo, por isso, instrumentos e protocolos específicos de leitura” (POSSENTI, op. cit., p. 69). Para fazer uma síntese dessa relação entre língua e discurso, podemos afirmar que existe uma relação necessária entre estas instâncias da linguagem. Além disso, língua não é a mesma coisa para a AD e para a linguística, apesar de haver uma ordem da língua que precisa ser respeitada pelo analista do discurso, ou pelo sujeito produtor de discurso. Não sabemos se se poderia falar numa língua sem discurso, talvez apenas enquanto “cadáver”, como diria Bakhtin.

A partir do segundo momento da AD, considerando suas três épocas segundo Pêcheux, o discurso passa a ser visto mais ou menos como um fora da língua, ou seu exterior, assim como a história passa a ser um exterior do discurso. Enquanto o discurso é exterior da língua, a história é exterior do discurso. Nesse sentido, podemos afirmar que um texto tem um discurso que lhe é exterior, e temos acesso à sua materialidade, mas não necessariamente aos seus sentidos. É como se esses sentidos e esses discursos fossem exteriores a essa língua, que estrutura os textos. Para que haja discurso, é necessário também que haja história, porque a história é a fonte dos sentidos dos discursos. Essa história é uma espécie de exterior dos discursos, e, sendo assim, perguntamo-nos como ela poderia ser uma ciência, assim como a física e a química, e pior, como ela poderia ser uma disciplina de interpretação, se ela própria é objeto de análise, e passível de interpretação. A não ser que considerássemos que a história tenha como objeto de estudo os fatos, mas sendo-lhe os fatos exteriores. Assim teríamos que construir uma teoria dos

exteriores, e assim, dos exteriores dos exteriores, afirmando que os discursos são exteriores à língua, a história exterior aos discursos e os fatos exteriores à história. E daí por diante. Não sabemos até que ponto esse desmembramento, essa abstração pode ser funcional para a AD.

Pêcheux, como seus seguidores mais imediatos, foi mais simpático à questão dos equívocos dos discursos, mais propriamente do que à questão da estabilidade dos sentidos dos discursos. Mesmo os sentidos com certa estabilidade, como os sentidos dos textos científicos, são considerados de estabilidade passível de deriva, e, sendo assim, de uma estabilidade relativa. Há deslizamentos de sentidos mesmo nesses discursos de Formações Discursivas estáveis.

## **CONCLUSÃO**

Possenti, no texto analisado aqui, procura fazer jus à linguística dizendo que o analista deve-lhe tributos. A Análise do Discurso não está separada da linguística, muito menos tem maior importância. Menciona que a AD expurga outras disciplinas, quando não por um motivo, mas, com certeza, por outro, o que, aliás, tem sido uma prática quase que constante em todos os ramos da ciência, a exemplo da semântica formal e da pragmática, só para citar duas dentro dos estudos da linguagem. Acusa essas disciplinas de, ora fazerem análise solta de frases, ora de considerarem regras da língua sem consideração do acontecimento discursivo das enunciações, como se faz na pragmática. A AD é uma disciplina que concerne à linguística. Pensamos nisso como aquilo que resume o que todo o texto de base quis dizer sobre essa relação entre língua e discurso.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

COURTINE, J. Jaques. *Analyse du discours politique; le discours communiste adressé aux chrétiens*. Langages 62. Paris: Didier-Larousse, 1981.

FOUCAULT, Michel. O que é u autor. In: *O que é um autor*. /s.l/:Passagens, 1969.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F. & HAK, T. (orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.